



PROJETO DE LEI Nº 533, DE 2022

Dispõe sobre a criação do Museu Estadual de Cultura das Tradições Nordestinas.

A Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo decreta:

Artigo 1º Fica o Poder Executivo Estadual, juntamente com a Secretaria da Cultura, órgão integrante da estrutura organizacional da Administração Pública e entidades da sociedade civil representativa, autorizado a criar o Museu Estadual de Cultura e das Tradições Nordestinas.

Artigo 2º para viabilização da criação do Museu Estadual da Cultura e das Tradições Nordestinas, o Poder Executivo poderá celebrar convênios com Órgãos Públicos Federais e Municipais e com entidades da sociedade civil sem fins lucrativos, que representem a cultura e tradição nordestina.

Artigo 3º O Museu Estadual da Cultura e das Tradições Nordestinas terá em seu acervo todo material necessário referente ao artesanato, a culinária, ao mobiliário, a cultura, a tradição, a história da região nordestina do País.

Artigo 4º - O poder Executivo confeccionará os atos necessários à execução da presente Lei, juntamente com órgãos correspondentes e entidades da sociedade civil sem fins lucrativos representativas.

Artigo 5º - Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.

JUSTIFICATIVA

Quase 3 milhões de pessoas nascidas no nordeste estavam morando em municípios paulistas. Segundo o censo de 2010, 2.924.269 pessoas eram nordestinas no estado, enquanto a população total era de 30.008.696 de pessoas.

...”São Paulo: uma grande esperança para os nordestinos

São Paulo recebeu um grande contingente de trabalhadores nordestinos entre 1930 e 1970. Entretanto, não há dados atualizados sobre quantos deles vivem atualmente na cidade.

O último Censo de 2010 aponta que pelo menos 2,3 milhões de nordestinos chegaram a São Paulo e que outros 1,8 milhão voltaram para sua terra natal na década passada. Ou seja, pelo menos 500 mil nordestinos e nordestinas vivem hoje na terra da garoa.

Dentre eles encontramos a pernambucana Genesia Batista, uma das muitas mulheres que nasceu e cresceu em meio à dura realidade do sertão nordestino. Ela enfrentou a seca percorrendo quilômetros de distância para buscar água, precisou trabalhar desde muito cedo para ajudar em casa após a morte precoce de seu pai e por isso não pode frequentar a escola.

Casou-se muito jovem e, em 1970, aos 20 anos, veio para São Paulo. O distrito de Cidade Ademar, região periférica localizada no extremo sul da capital paulista, foi o primeiro destino do casal que morou em muitos outros lugares da zona sul paulistana, como Jardim Nakamura e Parque Santo Antônio, onde construíram a sua primeira casa própria.

A terceira das quatro filhas do casal, a professora Vanessa Batista, lembra da violência que atingiu fortemente a região do Parque Santo Antônio e seus arredores na década de 1990. “Eu passava por muitos defuntos no caminho para a escola”, conta.

Neste período, Genesia se separa do pai de suas filhas e compra uma casa no Jardim Flórida Paulista - um bairro mais tranquilo e afastado da região central do distrito do Jardim Ângela - deixando para trás um relacionamento abusivo e levando suas filhas para longe da violência local.

Seu hoje ex-marido é um dos muitos migrantes nordestinos que trabalharam na construção das linhas do Metrô do estado de São Paulo. Os registros em sua carteira de trabalho confirmam a profissão, mas suas memórias hoje são muito frágeis para lembrar dos detalhes.

Já Genesis trabalhou por muito tempo como diarista, vendeu espetinhos de churrasco na frente de uma antiga casa de shows da zona sul paulistana e roupas de cama que ela comprava em Ibitinga, no interior de São Paulo.

“Minha mãe fez de tudo um pouco para ter a paz que tem hoje”, comenta Vanessa, que destaca ainda o desejo da mãe de que todas as filhas se formassem na universidade.

“O sonho dela era formar as filhas para que elas tivessem um futuro diferente do dela e ela fez isso com maestria. Todos nós estudamos em colégio e hoje todos nós temos um diploma universitário”, exalta a professora.

A história de Genesis se assemelha a da cearense Josefa Cabral, que chegou em São Paulo no ano de 1986, aos 19 anos. Junto dela veio seu marido, o pernambucano Lourinaldo Barbosa.

O casal morou a princípio na casa de uma parente no bairro de Moema, na zona sul, quando esta ainda não era uma região nobre e para se manter na metrópole mais populosa do país foram a luta e trabalharam em diversas áreas, um caminho comum aos milhares de nordestinos que saem de sua terra natal.

Josefa já trabalhou numa empresa do ramo de alimentação, vendeu uma famosa marca de leite fermentado e doces na porta do colégio em que sua filha estudou. Já Lourinaldo trabalhou por mais de 20 anos como porteiro.

A primogênita do casal, a fisioterapeuta Alessandra Almeida, conta orgulhosa que depois de muita luta e dificuldades, o casal conseguiu se estabilizar na cidade, são donos de uma pizzeria, também conquistaram a casa própria e vivem na região do Jardim Ângela, na zona sul da capital”...

Fonte: <https://www.fundacaoabh.org.br/a-importancia-dos-nordestinos-para-o-desenvolvimento-de-sao-paulo-2/>

Mediante, reconhece a importância cultural da população nordestina, e por isso, entende-se como necessário a criação de um Museu Cultural Nordestino, com a finalidade de levar a esta população a história, a música, a cultura e a tradição, para

que os nordestinos e seus descendentes possam resgatar com toda a amplitude a cultura da região nordestina e entidades representativas.

A criação do Museu Estadual de Cultura e das Tradições Nordestinas seria a retribuição mais justa aos nordestinos pelo muito de trabalho e pelo consequente progresso que os mesmos proporcionaram e proporcionam à Cidade de São Paulo ao Estado.

Sala das Sessões, em 22/8/2022.

a) Adriana Borgo – AGIR